



Revista
Saúde Integrada
ISSN 2447-7079

PERFIL DA AUTOMEDICAÇÃO EM ESTUDANTES DE ENSINO SUPERIOR: IMPACTO NA RESISTÊNCIA BACTERIANA

Bruna Caroline Teixeira

Acadêmica do curso de Biomedicina, Faculdade CNEC Santo Ângelo, RS. brunacarolineteixeira@hotmail.com

Laísa da Silva Campos

Acadêmica do curso de Biomedicina, Faculdade CNEC Santo Ângelo, RS. laisacampos@hotmail.com

Caroline Eickoff Copetti Casalini

Professora orientadora, Faculdade CNEC Santo Ângelo. 1432.carolinecopetti@cnecc.br

Resumo: A resistência bacteriana, causada pela mutação espontânea e recombinação de genes, além do conseqüente surgimento das superbactérias, são problemas crescentes de saúde pública na atualidade e estão diretamente relacionados ao uso indevido de antibióticos. A autoadministração desses fármacos é um fator determinante, considerando a automedicação como problema de saúde pública. Diante disso, o presente estudo trata-se de um estudo transversal descritivo (observacional), a partir da aplicação de um questionário aos estudantes de uma faculdade de ensino superior da região Noroeste do Rio Grande do Sul. O objetivo central foi estabelecer um comparativo entre o uso irracional de antibióticos entre os estudantes da área da saúde e os demais cursos, além de avaliar o comportamento destes futuros profissionais com relação à prática da automedicação. Os sujeitos submetidos a pesquisa foram os acadêmicos dos cursos de Administração, Análises e Desenvolvimento de Sistemas, Biomedicina, Ciências Contábeis, Direito, Estética e Cosmética, Fisioterapia e Odontologia. Através desta pesquisa, entre ambos os cursos, observou-se um alto índice de automedicação e número significativo de compra de antibióticos sem prescrição médica entre os acadêmicos, além de uma grande tendência na prática da automedicação.

Palavras-chave: Antimicrobianos, Bactérias, Medicamentos, Microbiologia, Farmacologia.

Abstract: Bacterial resistance, caused by spontaneous mutation and gene recombination, in addition to the consequent emergence of superbacteria, are increasing public health problems today and are directly related to the misuse of antibiotics. Self-administration of these drugs is a determining factor, considering self-medication as a public health problem. Therefore, the present study is a descriptive cross-sectional (observational) study, based on the application of a questionnaire to students from a higher education college in the Northwest region of Rio Grande do Sul. The central objective was to establish a comparison between the irrational use of antibiotics between health students and other courses, besides evaluating the behavior of these future professionals in relation to the practice of self-medication. The subjects submitted to research were the academics of the courses of Administration, Analysis and Development of Systems, Biomedicine, Accounting Sciences, Law, Aesthetics and Cosmetics, Physiotherapy and Dentistry. Through this research, among both courses, a high rate of self-medication and significant number of antibiotic purchases without medical prescription was observed among both courses, in addition to a great trend in the practice of self-medication.

Keywords: Antimicrobials, Bacteria, Pharmaceuticals, Microbiology, Pharmacology.

INTRODUÇÃO

A Organização Mundial de Saúde (WHO, 1998), define a automedicação como um elemento de autocuidado quando, nessa prática, medicamentos de emprego fácil e cômodo, e considerados eficazes, confiáveis e seguros poderiam ser utilizados como instrumento para a promoção da saúde. Esta prática poderia evitar, muitas vezes, o colapso do sistema público de saúde, relacionados a atendimento de casos transitórios ou de menor urgência. No entanto, é importante lembrar que o uso de medicamentos contendo tarja vermelha ou preta

p. 67-78

na embalagem é restrito a prescrição médica, pois seu uso sem orientação é extremamente perigoso segundo a OMS (OMS, 2005).

Segundo um levantamento feito pelo Instituto de Ciência e Tecnologia e Qualidade (ICTQ) 76,4% da população brasileira se automedica. A automedicação é uma prática muito comum entre a população, considerada um dos principais problemas de saúde pública no Brasil e no mundo. Essa prática pode trazer graves riscos à saúde, ocasionando intoxicação e especialmente se for realizada com antibióticos pode induzir a resistência bacteriana. Lima *et al.* (2018) aponta diversos fatores como influenciadores na prática da automedicação, como a propaganda desenfreada e seus meios de comunicação variados, o acesso limitado ao serviço público de saúde, medicamentos isentos de prescrições e a facilidade de seu acesso, armazenamento de medicamentos a domicílio e indicações de pessoas próximas (SECOLI *et al.*, 2019).

Guimarães e colaboradores (2010), definem antibióticos como compostos naturais ou sintéticos capazes de inibir o crescimento ou causar a morte de fungos ou bactérias. Classificam-se como bactericidas, quando causam a morte da bactéria, ou bacteriostáticos, quando promovem a inibição do crescimento microbiano. Antibióticos não são usados apenas para tratar doenças bacterianas, mas também infecções virais, fúngicas, por protozoários e parasitas. É importante considerar que apesar de seus benefícios no combate em infecções, nenhum fármaco está livre de possíveis efeitos colaterais indesejados, sendo a resistência bacteriana uma ameaça constante. Conseqüentemente, seu uso deve ser consciente e é necessário conhecimento sobre cada antibiótico, suas indicações e efeitos colaterais (GREENWOOD, 2012).

Segundo Da Silva Martins e colaboradores (2015), é importante destacar que o uso sistemático e indiscriminado de antimicrobianos ocasiona uma pressão seletiva, selecionando cepas com algum mecanismo de resistência que podem disseminarem-se pelo ambiente. Essa seleção pode levar ao predomínio de cepas sobreviventes, que se multiplicarão e se tornarão maioria. É evidente que o surgimento de cepas multirresistentes é mais frequente e mais complicado em ambientes hospitalares ou comunidades sem controle no uso de antibióticos (LENTZ, 2017). A resistência bacteriana é considerada um grave problema de saúde pública, de grande amplitude médica-social, cujas conseqüências já podem ser observadas em nosso cotidiano (MORAES *et al.*, 2016).

No Brasil, a venda de antibióticos já supera a venda de analgésicos e antitérmicos. O uso inadequado de antibióticos sem critério, sem período, sem dose e sem indicação correta, acelera os mecanismos de defesa das bactérias, fazendo com que a eficiência do medicamento se perca progressivamente. Conforme a RDC 20/2011, a Anvisa determina que as bulas e os rótulos das embalagens dos medicamentos contendo substâncias antimicrobianas citadas na resolução, devem conter, em caixa alta, a frase: "VENDA SOB PRESCRIÇÃO MÉDICA - SÓ PODE SER VENDIDO COM RETENÇÃO DA RECEITA". Além disso, é determinado que as farmácias e drogarias privadas, assim como as unidades públicas de dispensação municipais, estaduais e federais que disponibilizam medicamentos mediante ressarcimento, devem dispensar os antimicrobianos mediante retenção de receita e escrituração (BRASIL, 2011).

Moraes e colaboradores (2016) destacam a importância da educação continuada para os profissionais em parceria com os órgãos regulamentadores, além da informação correta passada aos pacientes, pois é necessário o esclarecimento de que apesar da automedicação aliviar imediatamente os sintomas, isto pode prejudicá-los de maneira drástica futuramente. Outro fator importante é a necessidade da melhor qualidade de prescrições, dispensação e no uso destes antimicrobianos, que necessita de melhores políticas públicas de saúde, sempre em busca de conscientizar a população sobre seu uso racional, além dos medicamentos em geral, e a possibilidade do desenvolvimento de resistência.

Neste contexto, o presente trabalho tem como objetivo estabelecer um comparativo entre os estudantes da área da saúde e os demais cursos, com relação à prática de

automedicação, especialmente sobre o uso de antimicrobianos.

MATERIAIS E MÉTODOS

Tratou-se de um estudo transversal, descritivo (observacional), com abordagem quantitativa. A pesquisa foi desenvolvida em uma instituição de ensino superior privada do Noroeste do estado do Rio Grande do Sul.

Os critérios de inclusão estabelecidos foram os seguintes: cursandos de ambos os sexos, dos cursos de Administração, Análises e Desenvolvimento de Sistemas, Biomedicina, Ciências Contábeis, Direito, Fisioterapia e Odontologia e que aceitaram responder o questionário proposto.

Foi utilizado para a coleta de dados um questionário (anexo I) que continha questões objetivas de múltipla escolha referentes à dados sociodemográficos, com relação ao uso de antibióticos, prática de auto medicação, armazenamento de medicamentos e conhecimento sobre resistência bacteriana. O questionário (anexo I) continha 15 perguntas, sendo 4 sobre dados pessoais do paciente, 5 sobre o uso de antimicrobianos e conhecimento sobre resistência bacteriana, 6 relacionadas com automedicação no geral e armazenamento de medicamentos. O projeto foi encaminhado ao comitê de ética em Pesquisa da Faculdade CNEC de Osório e aprovado sobre o número 3.634.815. Os acadêmicos submetidos à pesquisa não foram identificados, como descrito no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) lido e assinado por os mesmos (anexo I).

A análise dos dados do questionário (anexo II) foi qualitativamente e quantitativamente através dos softwares Statical Package For The Social Science (SPSS v. 20) e do Microsoft Excel.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A amostra constituiu-se de 269 acadêmicos, 190 do sexo feminino e 79 do sexo masculino. Destes 145 são acadêmicos da área da saúde (Grupo A) e 124 indivíduos de cursos fora da área da saúde (Grupo B).

Tabela 1. Tabela comparativa dos alunos de cursos de graduação da área da saúde (Grupo A) e “não saúde” (Grupo B)

Váriaveis	Grupo A (indivíduos)	Grupo B (indivíduos)
Sexo masculino	14 (9,66%)	65 (52,42%)
Sexo feminino	131 (90,34%)	59 (47,58%)
Faixa etária		
17-18 anos	33 (22,76%)	-
19-21 anos	67 (46,21%)	83 (66,94%)
Mais de 22 anos	42 (28,97%)	41 (33,06%)
Possui plano de saúde privado	53 (36,55%)	57 (45,97%)
Frequência de consulta médica nos últimos 12 meses		
Nenhuma vez	21 (14,48%)	18 (14,51%)
1-2 vezes	72 (49,66%)	71 (57,25%)
3 -4 vezes	31 (21,38%)	21 (16,93%)

Comentado [bc1]: Ótimo. Parabéns.

Comentado [bc2]: Isso é um resultado. Passar para o baixo. Inicie os resultados dando esta descrição

Comentado [bc3]: Revisar a formatação da tabela. Ass vc tem uma quadro.

A tabela tem as bordas aberta. Linhas apenas na parte superior e inferior.

Mais de 5 vezes	16 (11,03%)	11 (8,87%)
Fazem uso de remédio controlado	60 (41,38%)	23 (18,54%)
Utilizam antibióticos para		
Gripe	27 (18,62%)	66 (53,22%)
Febre	4 (2,72%)	26 (20,97%)
Inflamações	26 (17,93%)	33 (26,61%)
Doenças crônicas	1 (0,69%)	3 (2,41%)
Infecção urinária	19 (13,10%)	15 (12,09%)
Problemas gástricos	2 (1,38%)	2 (1,61%)
Pedras nos rins e dores musculares	-	2 (1,61%)
Sinusite	1 (0,69%)	-
Mais de uma alternativa	42 (28,97%)	-
Já comprou antibiótico sem receita	30 (20,69%)	45 (36,29%)
Raramente	23 (76,67%)	37 (87,22%)
Frequentemente	7 (23,33%)	8 (17,78%)
Quando utilizam antibióticos, seguem orientação:		
Médica	111 (76,55%)	91 (76,61%)
Farmacêutica	8 (5,52%)	28 (22,58%)
Tinham em casa sem prescrição	1 (0,69%)	17 (13,71%)
Família	-	11 (8,87%)
Bula	2 (1,38%)	11 (8,87%)
Internet	-	5 (4,032%)
Mais de uma alternativa	23 (15,86%)	-
Não seguem orientação	-	3 (2,42%)
Costumam se automedicar, Por influência de	75 (51,72%)	73 (58,87%)
Familiar/Amigo	37 (49,33%)	47 (64,38%)
Farmacêutico	15 (20%)	24 (32,87%)
Tinham em casa sem prescrição	22 (29,33%)	32 (43,24%)
Gostam de tomar remédio	-	1 (1,36%)

Comentado [bc4]: Sério?

Bem interessante este resultado.

Publicidade	1 (1,33%)	1 (1,36%)
Afirmam ler a bula dos medicamentos	105 (72,41%)	70 (56,45%)
Interromperam o tratamento	71 (48,96%)	50 (40,32%)
Melhora dos sintomas	49 (69,01%)	42 (84%)
Efeito colateral	22 (30,99%)	8 (6%)
Possuem medicamentos estocados em casa	107 (73,79%)	88 (70,96%)
No caso de sobras após término do tratamento com antibióticos		
Jogam no lixo	19 (13,10%)	17 (13,70%)
Guardam para outro momento	100 (68,97%)	79 (63,70%)
Lugar adequado pra recolhimento/descarte	20 (13,97%)	13 (10,48%)
Afirmam terminar o tratamento	1 (0,69%)	-
Sem resposta	5 (3,45%)	-
Complicação ou efeito colateral devido uso de algum medicamento	50 (34,48%)	24 (19,35%)
Possui conhecimento sobre resistência bacteriana e seus efeitos devido uso inadequado de antibióticos?		
Sim	118 (81,38%)	67 (54,03%)
Não	27 (18,62%)	0
Sem resposta	-	50 (40,32%)

Comentado [bc5]: Retirar esta linha abaixo.

Dos 269 estudantes questionados, 49,66% dos estudantes da área da saúde e 57,25% dos demais cursos afirmam uma frequência de 1-2 consultas médicas nos últimos 12 meses, o que evidencia uma tendência ao autocuidado com a saúde. Os resultados corroboram com os dados de Istilli *et al.* (2010), em um estudo realizado em uma Escola de Enfermagem pública do Estado de São Paulo, com um total de 470 alunos, onde 69,2% relataram a última consulta ao médico em menos de 3 meses.

Entre os estudantes do grupo A, 41,38% fazem uso de medicamento controlado. Em um estudo realizado por Soares *et al.* (2017), para analisar a frequência do uso de medicamentos controlados entre 409 estudantes da Universidade Federal de Santa Catarina, 65 destes indivíduos afirmaram fazer uso de medicamentos controlados, onde observa-se uma correlação à elevada carga horária a qual os alunos são submetidos, elevando os níveis de estresse. Carvalho e colaboradores (2018) observam que os efeitos psicossomáticos atingem drasticamente alunos do ensino superior, pois em seus estudos realizado com 67 estudantes de 24 cursos diferentes no Rio

Grande do Sul, São Paulo e Rio de Janeiro, 27 graduandos relataram que tomam remédios por prescrição médica ou por auto prescrição e 13 fazem acompanhamento com psicólogo ou psiquiatra.

Quando questionados sobre as finalidades para as quais tomavam antibióticos, entre o grupo B, 53,22% relatou gripe e 20,97% febre. Na Universidade de Jiangsu, na China, foram questionados 660 estudantes sobre a prática da automedicação com antibióticos, observando-se que 43,5% informaram infecção viral como finalidade do uso de antibióticos, sendo este um dado alarmante (ZHU *et al.*, 2016). Santos *et al.* (2017) comentam sobre o uso comum de antibióticos para tratamentos de enfermidades de etiologia viral, devido a difícil diferenciação clínica das enfermidades de etiologia bacterianas, a falsa crença que a profilaxia de antibióticos evita complicações bacterianas, a grande pressão dos familiares pela prescrição de antibióticos, a venda descontrolada destes fármacos e os eventos adversos decorrentes do uso inadequado desses medicamentos serem desconhecidos entre os indivíduos. Em sua pesquisa, realizada com 155 estudantes do Centro Universitário do Nordeste de Minas Gerais, 38,66% relataram dor de garganta ou gripe como finalidade de uso de antibióticos.

Entre os estudantes da área do grupo A, 20,69% afirmaram já ter comprado antibióticos sem receita médica, e 36,29% do grupo B. Além disso, 76,55% dos cursos da área da saúde e 76,61% dos demais cursos apontam familiares/amigos como principal orientação para o uso de antibióticos. Ainda 13,71% do grupo B, relatam o uso de sobras de tratamentos anteriores que possuem em casa, condizendo com Mastroianni *et al.* (2011), que comentam sobre a "polifarmácia doméstica", ou seja, estoques domiciliares de medicamentos sujeitos a prescrição médica ou a controle especial, que após o final do tratamento, sobram ou são adquiridos sem prescrição médica. É importante salientar que medicamentos devem ser guardados em local arejado e seguro, sem exposição à luz, calor ou umidade, em sua embalagem original, identificados pelo nome comercial ou genérico e princípio ativo e com data de validade e lote. Em um estudo realizado em uma universidade chinesa com 11,192 estudantes, 63,1% relataram antibióticos estocados em casa quando questionados, destes, 27,8% afirmam que estes antibióticos são sobras de tratamentos anteriores prescritos por médico e 69,3% adquiriram sem prescrição médica (WANG *et al.*, 2018).

Sobre a prática da automedicação, 51,72% do grupo A e 58,87% do grupo B afirmam se automedicar, predominantemente por influência por familiares ou amigos, com 49,33% e 64,38%, respectivamente. Aquino e colaboradores (2010) apontam a contradição existente entre os estudantes da área da saúde, pois parece existir uma maior predisposição para o consumo de medicamentos sem prescrição, justamente pelo maior conhecimento. Além do maior conhecimento, há maior acesso à informação sobre a saúde e sua relação com os medicamentos, os quais têm sido fatores determinantes para fazer desta prática um hábito entre este público (PAREDES *et al.*, 2008). Em um estudo realizado em uma universidade de Bangladesh, Alam e colaboradores (2015) questionaram 500 estudantes, 250 da área farmacêutica e 250 da área da Medicina, concluindo que 100% destes indivíduos haviam se automedicado no último ano. Além disso, as mulheres se mostraram mais adeptas à prática com 65,2% vs 54,8% de homens. Gutema *et al.* (2011) encontrou resultados semelhantes em seu estudo realizado em uma universidade da Etiópia, onde 1218 estudantes da área da saúde foram questionados e 47% apontam os familiares e/ou amigos como principal influência para a prática da automedicação.

Um número significativo de estudantes apresentaram plano de saúde privado, onde 36,55% do grupo A afirmou possuir e no grupo B 45,97%. Mussolin (2004) em seu trabalho realizado com universitários, sobre o hábito do uso de medicamentos dos Cursos de Enfermagem e de Relações Públicas, sugere a hipótese de que pessoas que possuem planos de saúde poderiam reutilizar antigas prescrições.

Quanto a interrupção do tratamento com antibióticos, foi relatado uma sobreposição dos alunos do grupo A com 48,96%, e o grupo B com um total de 40,32%. Destes, 69,01% da área da

saúde (grupo A) e 84% de outros cursos (grupo B) interromperam pela melhora dos sintomas antes do prazo prescrito pelo médico, e 30,99% afirmam ter obtidos efeitos colaterais inadequados. Segundo Ansel e colaboradores (2000), assim que é selecionado o antimicrobiano adequado e a prescrição pelo médico responsável, é dever dos profissionais da saúde, tais como farmacêuticos, orientar o público sobre o uso adequado dos medicamentos e acompanhamento na administração dos mesmos para possibilitar um tratamento mais eficaz e adesão ao tratamento, sem o risco de efeitos colaterais e resistência bacteriana pelo uso inadequado de antibióticos (CASCAES *et al.*, 2008).

Em relação ao estoque de medicamentos, 73,79% do grupo A e 70,96% do grupo B possuem medicamentos estocados em casa, tais como antigripais, antiinflamatórios e relaxantes musculares. De acordo com Margonato e colaboradores (2008), a população estoca medicamentos em casa devido à inconstância na sua disponibilidade nas unidades básicas de saúde (UBS), ou ainda por ter medo de ser acometida por doenças e porque desconhece os riscos que os medicamentos podem acarretar se não forem armazenados corretamente. Em consequência, são inúmeros os casos de medicamentos vencidos e de intoxicações medicamentosas. Em um estudo realizado por Schenkel e colaboradores (2005), no qual visitou 101 domicílios e 98 apresentaram ao menos um medicamento, foi observado que os medicamentos estocados eram, em sua maioria, para via oral e tópica. Em relação às categorias terapêuticas destacaram-se os analgésicos (18%), os antiinflamatórios (6,5%) e os antibacterianos (4,7%). Além disso, foi observado a data de validade, sendo que um total de 2023 medicamentos encontrados, 1623 (83%) possuíam data de validade, destes 265 (16%) estavam vencidos. Portanto, foi observado um número maior de medicamentos vencidos entre aqueles adquiridos sem prescrição médica.

No caso de haver sobras de antibióticos após o tratamento, 100 estudantes do grupo A (68,97%) e 79 do grupo B (63,70%) afirmam guardar para utilizar em outro momento. Em um estudo realizado por Mastroianni *et al.* (2011), observou-se que o armazenamento de medicamentos era realizado em mais de um local, sendo divididos entre armazenamento de medicamentos utilizados no momento, e outro para sobras de antigos tratamentos. Porém, o armazenamento inadequado causa a ineficácia da qualidade e da ação dos medicamentos, pois leva a degradação dos princípios ativos, promovendo a formação de outras substâncias tóxicas, o que também compromete a estabilidade dos medicamentos e causa risco de intoxicação.

Foi observado que 118 alunos do grupo A (81,38%) e 67 do grupo B (54,03%) afirmam possuir conhecimento dos efeitos causados pelo uso inadequado dos antibióticos, e que isto pode causar a resistência bacteriana. Na análise deste ponto entende-se que o “suposto” conhecimento sobre resistência bacteriana leva ao aumento da autoconfiança e conseqüentemente automedicação. Do ponto de vista de Ramalinho e colaboradores (2010), o consumo inadequado de antibióticos tem conseqüências negativas para a saúde da sociedade, como diminuição da eficácia dos tratamentos, crescimento no índice de hospitalizações e aumento da mortalidade e morbidade. A resistência aos antibióticos pode ser reduzida pelo uso dos mesmos de forma racional, levando-se em consideração as propriedades farmacológicas dos antimicrobianos, como a farmacocinética e a farmacodinâmica, bem como pelos testes de diagnósticos e testes de susceptibilidade antimicrobiana (CHANG *et al.*, 2013).

Uma das hipóteses levantadas pelos investigadores para a realização deste trabalho era de que possuir formação na área de saúde poderia diminuir a prevalência da prática da automedicação, principalmente referente ao uso de antimicrobianos. No entanto, esta informação não foi confirmada.

O presente artigo pretende abrir a possibilidade de servir como uma ferramenta de estímulo do uso racional de medicamentos entre os jovens, salientando os estudantes de ensino superior.

Conforme Arrais *et al.* (2016), o Brasil é um dos principais consumidores mundiais de medicamentos, considerando que, anualmente, o mercado de medicamentos alcança 22,1

bilhões de dólares. Observa-se que a ampla disponibilidade aos medicamentos é fator agravante da possibilidade do uso irracional. Mais de 50% de todos os medicamentos são prescritos de maneira incorreta, dispensados e vendidos, e metade dos pacientes não os utilizam corretamente. Além disso, a prática inadequada da automedicação é um dos fatores que mais contribuem para o uso incorreto de medicamentos.

Entre os motivos para o aumento do índice de automedicação pode-se citar a preocupação com o autocuidado, vontade de ajudar os familiares doentes, pobreza, ignorância, equívocos, propagandas enganosas sobre medicamentos e a grande disponibilidade em lugares além de farmácias (SILVA *et al.*, 2012). Outro fator que influencia a prática da automedicação é a má qualidade e tardamento no atendimento nos serviços de saúde, principalmente públicos. Portanto, devido a facilidade de acesso a medicamentos nas farmácias, as pessoas são levadas a buscar tratamento inicialmente nestes locais (EBRAHIMI *et al.*, 2017).

Galato e colaboradores (2012) salientam que é imprescindível que os estudantes e a sociedade em geral, utilizem medicamentos para suas necessidades clínicas sendo selecionadas alternativas terapêuticas seguras e eficazes, respeitando-se as posologias e tempos de tratamentos adequados para cada transtorno ou problema autolimitados. Portanto, mesmo a automedicação sendo sinônimo de autocuidado, é importante que seja realizada de forma responsável.

CONCLUSÃO

Conforme os resultados expostos, foi possível identificar o uso predominante de antibióticos para finalidades inadequadas entre os cursos fora da área da saúde, o que evidencia uma contradição com a afirmação da maioria dos estudantes afirmarem possuir conhecimento sobre a resistência bacteriana e sua relação com o uso irracional de antibióticos. Observou-se um alto índice de automedicação entre ambos os cursos e número significativo de compra de antibióticos sem prescrição médica entre os acadêmicos, considerando o fato desta prática ser proibida por lei. Além disso, os estudantes da área da saúde estão entre o que mais interromperam o tratamento antes do prazo prescrito pelo médico e os que mais que guardam sobras de medicamentos.

Através desta pesquisa, notou-se uma grande tendência na prática da automedicação entre estudantes do ensino superior, em ambos os cursos. Esta prática é preocupante devido aos possíveis efeitos colaterais do uso irracional medicamentoso. Todavia, evidencia-se a necessidade de mais estudos para esclarecimento da prevalência e causas diretas e indiretas do consumo irracional de antibióticos entre os estudantes.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos às nossas famílias, amigos e professora orientadora, além dos estudantes que se dispuseram a responder ao questionário colaborando com este trabalho de conclusão de curso, por todo apoio, suporte e paciência nesse momento tão intenso.

REFERÊNCIAS

- ALAM, Naznin; SAFFOON, Nadia; UDDIN, Riaz. Self-medication among medical and pharmacy students in Bangladesh. *BMC research notes*, v. 8, n. 1, p. 763, 2015.
- ANSEL, H.C.; POPOVICH, N.G.; ALLEN JR, L.V. *Formas Farmacêuticas & Sistemas de Liberação de Fármacos*. 6. ed. São Paulo: Premier, 2000.
- AQUINO, Daniela Silva de; BARROS, José Augusto Cabral de; SILVA, Maria Dolores Paes da. A automedicação e os acadêmicos da área de saúde. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 15, p. 2533-2538, 2010.
- ARRAIS, Paulo Sérgio Dourado et al. Prevalência da automedicação no Brasil e fatores associados. *Revista de Saúde Pública*, v. 50, p. 13s-13s, 2016.
- BRASIL, Resolução da Diretoria Colegiada nº 20, de 5 de maio de 2011. Dispõe sobre o controle dos medicamentos à base de substâncias antimicrobianas. *Diário Oficial da União, Brasília*, 9 de maio de 2011.
- CARVALHO, Karen; MARTINS, Claudete Da Silva Lima. Efeitos psicossomáticos em estudantes durante a educação superior: algumas inquietações. *Anais do Salão Internacional de Ensino, Pesquisa e Extensão*, v. 9, n. 3, 2018.
- CASCAES, Edézio Antunes; FALCHETTI, Maria Luiza; GALATO, Dayani. Perfil da automedicação em idosos participantes de grupos da terceira idade de uma cidade do sul do Brasil. *Arquivos Catarinenses de Medicina*, v. 37, n. 1, p. 63-69, 2008.
- CHANG RL, Cho IH, Jeong BC, Lee SH. Strategies to minimize antibiotic resistance. *Int. J. Environ. Res Public Health*; 10 (9): 4274-305, 2013.
- DA SILVA MARTINS, Graziella et al. Uso indiscriminado de antibióticos pela população de São José do Calçado (es) e o perigo das superbactérias. *Acta Biomedica Brasiliensia*, v. 6, n. 2, p. 84-96, 2015.
- DOS SANTOS, Alan Pereira et al. Uso indiscriminado de antibióticos pelos estudantes de uma Universidade do Nordeste de Minas Gerais, 2017.
- EBRAHIMI, Hossein et al. Self-medication and its risk factors among women before and during pregnancy. *Pan African Medical Journal*, v. 27, n. 1, 2017.
- GALATO, Dayani; MADALENA, Jaqueline; PEREIRA, Greicy Borges. Automedicação em estudantes universitários: a influência da área de formação. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 17, p. 3323-3330, 2012.
- GREENWOOD, D. W.L. Irving, in *Medical Microbiology* (Eighteenth Edition), 2012.
- GUIMARÃES, Denise Oliveira et al. Antibióticos: importância terapêutica e perspectivas para a descoberta e desenvolvimento de novos agentes. *Química Nova*, v. 33, n. 3, p. 667-679, 2010.
- GUTEMA, Girma Belachew et al. Self-medication practices among health sciences students: the case of Mekelle University. *Journal of Applied Pharmaceutical Science*, v. 1, n. 10, p. 183, 2011.
- ICTQ - Instituto de Ciência, Tecnologia e Qualidade. Pesquisa - Automedicação no Brasil. 2018. Disponível em: <<https://www.ictq.com.br/pesquisa-do-ictq/871-pesquisa-automedicacao-no-brasil-2018>>. Acesso em 14 de outubro de 2019.
- ISTILLI, Plínio Tadeu et al. Antidepressivos: uso e conhecimento entre estudantes de enfermagem. *Revista Latino-Americana de Enfermagem*, v. 18, n. 3, p. Tela 131-Tela 139, 2010.
- LIMA, Daniely Mara et al. Avaliação da prática da automedicação em acadêmicos do curso de Farmácia em uma instituição privada de ensino superior em Fortaleza-Ce. *Revista Expressão Católica Saúde*, v. 2, n. 1, p. 17-22, 2018.
- LENTZ, Silvia Adriana Mayer. Prevalência de genes de resistência em isolados de e. Coli provenientes de frangos de corte. 2017.
- MARGONATO FB, Thomson Z, Paoliello MMB. Determinantes nas intoxicações medicamentosas agudas na zona urbana de um município do Sul do Brasil. *Cad Saude Publica*. 2008;24(2):333-41.
- MASTROIANNI, Patricia de Carvalho et al. Estoque doméstico e uso de medicamentos em uma população cadastrada na estratégia saúde da família no Brasil. *Revista Panamericana de Salud Publica*, v. 29, p. 358-364, 2011.
- MORAES, Amanda Ludogério; ARAÚJO, Nayara Gabriele Picanço; BRAGA, Tatiana de Lima. Automedicação: revisando a literatura sobre a resistência bacteriana aos antibióticos. *Revista Eletrônica Estácio Saúde*, v. 5, n. 1, p. 122-132, 2016.

MUSSOLIN NM. A automedicação: um estudo entre universitários de enfermagem e de relações públicas [dissertação]. São Paulo (SP): Secretaria da Saúde. Coordenação dos Institutos de Pesquisa. Programa de Pós-Graduação em Ciências; 2004.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE (OMS) Dpt. Of Essential Drugs and other Medicines. The role of Pharmacist in selfcare-medication. Disponível em: http://www.who.int/medicines/library/docseng_from_a_to_z.shtml.

PAREDES, Nivia Pinos; MIASSO, Adriana Inocenti and TIRAPELLI, Carlos Renato. Consumption of benzodiazepines without prescription among first-year nursing students at the University of Guayaquil, school of nursing, Ecuador. Rev. Latino-Am. Enfermagem [online]. 2008, vol.16, n.spe, pp.634-639.

RAMALHINHO, Isabel et al. A Evolução do Consumo de Antibióticos em Ambulatório em Portugal Continental 2000-2009. Acta Médica Portuguesa, v. 25, n. 1, 2012.

SCHENKEL, Eloir Paulo; FERNANDES, Luciana Carvalho; MENGUE, Sotero Serrate. Como são armazenados os medicamentos nos domicílios?. acta farmacéutica bonaerense, v. 24, n. 2, p. 266, 2005.

SECOLI, Sílvia Regina et al. Tendência da prática de automedicação entre idosos brasileiros entre 2006 e 2010: Estudo SABE. Revista Brasileira de Epidemiologia, v. 21, p. e180007, 2019.

SILVA, Ruan CG et al. Automedicação em acadêmicos do curso de medicina. Medicina (Ribeirão Preto. Online), v. 45, n. 1, p. 5-11, 2012.

SOARES, Juliany et al. O uso de medicamentos controlados por estudantes do curso de graduação em Odontologia na Universidade Federal de Santa Catarina. 2017.

WANG, Xiaomin et al. Keeping antibiotics at home promotes self-medication with antibiotics among Chinese University Students. International journal of environmental research and public health, v. 15, n. 4, p. 687, 2018.

WORLD HEALTH ORGANIZATION (WHO). The role of the pharmacist in self-care and self-medication. The Hague: World Health Organization, 1998.

ZHU, X. et al. Self-medication practices with antibiotics among Chinese university students. Public health, v. 130, p. 78-83, 2016.